

SALVANDO VIDAS NOS CAMPOS DE BATALHA

Modélo de uma organização de saúde norte-americana em campanha

Como funcionava o «16th American Evacuation Hospital», em Pistóia — Organização eficiente e serviço ininterrupto — Pessoal brasileiro e norte-americano — Mortos e feridos em Monte Castelo

Instalou-se no Campo de Marzzio o «16th American Evacuation Hospital of Pistóia». Limitava-o das vias públicas uma cerca de arame farpado, que atingia um metro de altura e contornava a periferia do acampamento. Era um hospital de capacidade mediana e teria quantas enfermarias necessitas. As enfermarias de campanha se constituíam de barracas, erguidas sobre esteio de madeira e cobertas de lona, de 25 a 30 metros de comprimento, por 8 de largura. As lonas das barracas, absolutamente impermeáveis e com dupla cobertura nas partes superiores, a que os americanos denominavam de «fly». Os leitos eram catres feitos de pequenas peças de madeira e lona resistente, leves, desmontáveis, e de fácil montagem, coisa ideal para campanha. As lonas das tendas eram a prova de água e neve, de 10 em 10 metros, as coberturas possuíam cavidades para dar passagem às chaminés das estufas. Durante o inverno, aqueles que estiveram nos hospitais americanos já-mais sentiram frio. As estufas possuíam dispositivos para regular o grau de aquecimento e consumiam 20 quilos de óleo por 12 horas. Eram três estufas para cada barraca. Muitas vezes as barracas estavam com dois palmos de neve sobre o teto, e o solo coberto de gelo e, entretanto, nunca se sobre o que fosse inverno. Os americanos queimaram milhões de dólares em toneladas de óleo a fim de dar calor e máximo conforto aos feridos. O acampamento possuía dois geradores elétricos, nunca faltou luz em qualquer barraca. Possuía uma formidável instalação de cabos com água corrente nas principais dependências e enfermarias. Havia banho quente ou frio, conforme a estação do ano.

Todas as dependências mais importantes como fossem: Casa das Ordens, Portaria, Sala de operações, Laboratório de Análises, Farmácia, Supply e outras dependências se achavam ligadas por li-

nhas telefônicas, não só internamente, como também se podia ligar para os «P.C.» e «Q.G.» das tropas aliadas.

SERVIÇO ININTERRUPTO E EFICIENTE

Os americanos concebem que um serviço de saúde, quer em guerra, quer na paz, não pode parar, nem sofrer solução de continuidade na sua eficiência. Notável é o cuidado respeito que os americanos têm pela individualidade humana e principalmente pelo dór alheia. A procrastinação, o método do «deixa isso para amanhã»; é o maior ladrão do tempo. Faziam absoluta questão de que ninguém perdesse um segundo na marcha das atividades, a fim de salvar existências. Nas organizações americanas, não existe a palavra «sobre-aviso». Aos americanos se torna imprescindível que o homem esteja no seu posto de honra e do dever, pronto para os imprevistos. Julgam que «sobre-aviso» facilita ao indivíduo fugir às suas responsabilidades e eximir-se ao dever.

A máquina era perfeita, não obstante a multiplicidade da organização, todas as dependências do hospital, a começar da cozinha, funcionavam ininterruptamente durante as 24 horas do dia e da noite. Houvesse ou não serviço, as equipes achavam-se a postos. Qualquer exame radiográfico, pesquisa de laboratório, receituário, etc., seria imediatamente atendido, a qualquer hora do dia ou da noite. Todas as seções possuíam técnicos especializados, dirigidos por oficiais, em turna que se revezavam de 12 em 12 horas. O hospital estava apto a atender a todo e qualquer exame, dentro daquilo que está expresso pela última palavra da ciência. Principalmente a sala de operações que possuía equipes cirúrgicas altamente conscientes de seu valor e rápida ação. E' desnecessário encarecer o quanto representa, por exemplo, um gabinete odontológico, com todos os requisitos modernos.

Chama a atenção, também, o fato de que o hospital não cuidava somente das circunstâncias de tratamento dos campos de batalha. Uma menção é o funcionamento de uma policia profilática anti-venérea, era assegurada por uma equipe de autênticos técnicos nessa modalidade de combate dos males degenerescentes que enfraquecem o homem. A campanha anti-venérea, era feita através de cartazes afixados nas cidades conquistadas «Be ware Venereal diseases».

A organização da máquina constituída de peças humanas era perfeita, pois as equipes de cirurgia, anestesia, técnicos de farmácia, laboratório, radiologia, e outras especialidades se substituíam e revezavam de 12 em 12 horas. As equipes davam o máximo sem que houvesse estafa, trabalhariam mais números de

(Por um ex-expedicionário brasileiro)

horas em casos de circunstâncias especiais, por exemplo: deslocamento de acampamento. O homem trabalhava sem perder o bom humor, pois havia uma divisão de trabalho humana e racional.

O hospital possuía uma biblioteca, havia uma dependência para jogos e diversões, completada com rádio, estereótipo, rádio, e projeções cinematográficas. Destinadas não só aos enfermos, como também ao pessoal que se encontrava de folga. Artistas e exibicionistas de todas as especialidades e atrações de Hollywood, permaneciam aos doentes momentos de satisfação, tão salutares às suas curas.

ALIMENTAÇÃO ABUNDANTE E RACIONAL

A alimentação dos acampamentos americanos era a mesma, tanto para oficiais como para praças, baseada em uma dietética científica, eclética e racional. O homem escalado de serviço recebia 4 refeições, a primeira às 7 horas da manhã, a segunda às 11, a terceira às 17 horas e a quarta e última às 24 horas.

Os pratos eram de folhas metálicas de 30x40 cm, com 6 divisões. A primeira refeição distribuída consistia de creme de aveia — ovos cozidos, manteiga — torresmos — café com leite vitamizado — pão e manteiga e bananas secas. As 11 horas, a mesma quantidade de alimento da seguinte maneira: espagueti — arroz — bifé — sopa — pão e manteiga — salada de frutas em conserva. As 17 horas, outras refeições lautas e variadas com, doces, queijo e conservas. Em plena guerra os americanos se davam ao luxo de transportar bananas e laranjas da África e Espanha para a Itália.

As cozinhas dispunham de fogões portáteis, de fornos para fabricação de pão. Aquêles fogões funcionavam com fogareiros gigantes, tendo por combustível gasolina a pressão. Em menos de 60 minutos, podia-se preparar uma refeição completa para alimentar uma divisão inteira.

PESSOAL BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO

Não havia nem deficiência de pessoal quanto ao número e capacidade técnica, nem tão pouca deficiência de material. As ordens eram dadas através de altos-falantes. Havia pela manhã um noticiário em inglês e em português, que era feito pelo primeiro sargento Plínio Moreira.

Eram chefes da Seção Brasileira em hospital americano os majores Ernesto Gomes de Oliveira e Ari Duarte Nunes. No «receiving officier» (Portaria), não faltavam nunca o médico, um aparelho de pressão arterial e um vidro contendo uma dúzia de termômetros no álcool. Era chefe da portaria o capitão William Parker. Entre os outros americanos trabalhavam os sargentos Bill, Brusci, Phillips, e os sargentos enfermeiros Illus Bacchi Naviera e o terceiro dito Orlando Siqueira de Carvalho.

Na portaria, eram confeccionadas fichas dactilográficas, com dados informativos do nome do soldado — Regimento — Batalhão — Divisão — Religião — Diagnóstico. Os feridos eram interrogados quanto a «Line of duty» (linha do dever), isto é, se o ferimento foi adquirido no posto de honra, se foi acidente, ou rixa com qualquer companheiro. Isto a fim de prevenir que um pseudo herói recebesse uma condecoração indevida.

Componentes de 19 Grupo de Saúde anexo ao 16th American Evacuation Hospital: major médico Alfredo Monteiro e Alípio Correia Neto, capitães médicos: Eduardo Moutinho dos Reis, Godofredo da Costa Freitas, Breno da Cunha e Breno Mascarenhas. Enfermeiras: Virginia Porto Carreiro, Berta de Florais, Carmem Hebiana, Vanda Miaschek, Maria Belém Landi, Sílvia Pereira Marques, Juliette Doris de Castro. Primeiro tenente Aldomiro de Araújo, farmacêutico. Na função de sargenteante, o subtenente Severino Abdias de Araújo. Na secretaria, sargento Lises Correia. Manipuladores de R.X.: sargentos Francisco Soares, Dirceu Gonçalves de Sousa, Amaro Mota Lima e Carlos Rufino Rabelo. Enfermeiro: César Tavares, Mário Pinto, Iarcl Nascimento Moderno, Doumuriez do Nascimento Moderno. Na enfermaria de choque, os sargentos enfermeiros Lenéas Moretti de Almeida e Renata Soares Baía. Na sala de operações: o subtenente Gabriel José da Costa e o sargento Otaviano Ferreira Dias.

Ponho em relevo o nome do terceiro sargento José Dias, que tombou no posto de honra, quando em função no posto de neuro psiquiatria. E também Carlos Teixeira que, mais afortunado, trabalhou naquele posto e teve de enfrentar situações difíceis. Companheiros de campanha: Anacleto Ferreira Campos, Osvaldo Martins de Faria, Al-

mada do Monte Castelo, assegurando a progressão dos primeiro e décimo primeiro Regimento de Infantaria. Incansável, porém metódico, eram as atividades do Hospital, com as chegadas de ambulâncias.

Segundo a expressão de um subtenente, os mortos eram transportados em caminhões, empilhados como lenha. Num sumário balanço, verificara-se a entrada de 190 feridos brasileiros e outros tantos pertencentes a uma Divisão Judiciária Americana. Muitos soldados, traziam os pulmões perfurados e como consequência apresentavam-se com hemoptise. Outros haviam perdido os pés e as pernas, por efeito das explosões de minas «booby traps» (armadilhas para bôbos). Outros vinham surdos, traziam as artérias rompidas, como consequência a otorragia haviam sido arremessadas para longe devido à explosão de uma granada próxima, que motivara o deslocamento do ar.

As salas de operações, possuíam 15 mesas cirúrgicas operatórias, caixas cirúrgicas contavam-se às dúzias. Era chefe da clínica cirúrgica o major Lackstein. Entravam os feridos a operar no «operating room», e lá se reconstituíam tendões, músculos, nervos e ossos esfacelados. Muitos seres que lá chegavam com vida daí a poucos instantes jaziam inertes. A sala de operações oferecia um quadro deveras tético, tal era a profusão de sangue, gazes e material usado em minorar os sofrimentos dos que chegavam. Não seria força de expressão comparar a sala de operações a uma vasta salischaria humana.

O hospital dispunha de 300 ambulâncias, 50 caminhões gigantes, 50 «Dodges», 50 «Jeeps», e outras viaturas. Equipes de radiologistas laboratoristas, farmacêuticos «nurses», equipes de clínicos, cirurgiões, cirurgiões dentistas, telefonistas, eletricitistas, mecânicos, carpinteiros, serralheiros cozinheiros, enfim, técnicos de todas as especialidades.

Eis aí, rápidas pinceladas, uma vaga idéia do «16th American Evacuation Hospital of Pistóia».

D. Notícias

5/XI/1950